

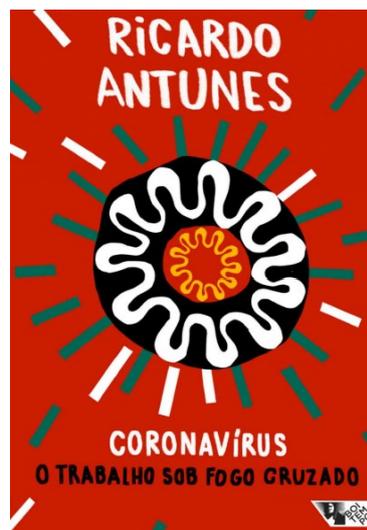


*Resenha
Review*

RESENHA: Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado¹

Coronavirus: the work caught in the crossfire

Francisco Diassis da Silva²



¹ Resenha do livro: ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.

² Bacharel em Turismo pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: franciscodiassis1979@gmail.com

Bastaram alguns meses de pandemia para tornar evidente que as principais medidas tomadas pelo governo Bolsonaro têm por objetivo atender aos interesses de uma burguesia predadora e predatória que aqui gorjeia. O sinistro, o lúgubre e o funesto são, então, as designações mais singelas que o capitalismo pandêmico no Brasil e seu *governo-de-tipo-lumpen* fazem por merecer (ANTUNES, 2020, p. 33).

O pensador brasileiro Ricardo Antunes é um dos mais ativos teóricos da sociologia do trabalho. Sua visão crítica lhe permite captar as contradições mais extremas e violentas do capitalismo contemporâneo. Neste período de quarentena ele dedicou parte de seu tempo de isolamento social para nos iluminar com um *e-book* que discute a crise econômica e a explosão da pandemia do novo *coronavírus*. O texto crítico e compartilhado por ele merece uma apreciação de resenha, pois emana do espírito de um homem que juntou sua admirável sabedoria ao longo de mais de 40 anos mergulhado nos escritos fundamentais de Karl Marx. Esse pequeno texto ***Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado*** é uma das mais poderosas peças de acusação das consequências que o *covid-19* tem gerado para a humanidade que depende de seu trabalho para sobreviver.

Livro curto, completo de denúncias e apontamentos da atual tragédia sanitária que pouco a pouco se transformou em pânico e se abateu sobre a vida da classe trabalhadora, foi dividido por Antunes em cinco pequenos capítulos, mostrando o mundo às vésperas da pandemia; o sistema de metabolismo antissocial do capital e que sua normalidade é a destrutividade; a pandemia do capital e a desvalorização do trabalho; qual será o futuro do trabalho; e, por fim, um imperativo vital contra um mundo letal e como inventar um novo modo de vida.

A tragédia narrada neste exercício de resenha é denunciada por Antunes e tem suas raízes em anos anteriores (2016-2019), com aprovação de reformas, a tirada de direitos da classe trabalhadora e a chegada de Jair Messias Bolsonaro à presidência do Brasil. Esses curiosos acontecimentos ocorreram num intervalo de tempo em que predominou a pós-verdade³ [para não dizermos a mentira, a chamada *Fake News*]. Como imaginar, por exemplo, que no Brasil do começo do século XXI há quem acredite que a terra é plana, que o aquecimento global é uma teoria marxista e que as vacinas não possuem eficácia. Assim, no momento em que estas linhas estão sendo escritas (julho de

³ DUNKER, Christian; TEZZA, Cristovão; FUKS, Julián; TIBURI, Marcia; SAFATLE, Vladimir. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

2020), temos quase noventa mil mortes provocadas pelo novo *coronavírus* e mesmo assim existe um contingente enorme de brasileiros que negam a existência do *covid-19*. Estes fatos remetem-me a anotação de Antunes na página 24: “*tristes trópicos... como é o caso do Brasil*”.

Neste caso, deixo ao tato do leitor a corajosa reflexão de Antunes, colocada no capítulo dois que discute acerca do sistema de metabolismo antissocial do capital: sua normalidade é a destrutividade...

As alienações, as coisificações e os tantos estranhamentos, as devastações ambientais, as opressões de gênero, raça, etnia, sexo, todas essas aberrações – e tantas mais – estão sendo desencavadas dos porões mais abjetos, das catacumbas mais lúgubres e das cavernas mais ossificadas, que em alguns casos pareciam estar cerrados (p. 12).

Creio não haver dúvidas de que o autor se refere as barbaridades que, agora, são explicitadas deliberadamente por um governo que está a serviço do capital e que toma suas decisões a partir de posições ideológicas. As alienações, o trabalhador extremamente precarizado que concorda e admite que a vida do patrão é muito mais difícil que a dele, os desmontes das políticas ambientais e as queimadas da floresta em detrimento do agronegócio, a opressão contra as mulheres em prol da mão de obra barata, o racismo e as assimetrias de gênero, são instrumentos utilizados ideologicamente para a manutenção da reprodução das classes sociais.

Chego agora a um ponto que é, a meu ver, espantoso. Uma parte da sociedade, uma vez subjugada, renuncia a possibilidade de manutenção e/ou de conquista de qualquer direito que viesse lhe propulsionar liberdade. É como se não tivesse perdido direitos conquistados, sucumbindo a naturalização de sua servidão.

Antunes revela, ainda, que o capital pandêmico é intensamente diferenciado quando se trata de atingir e penalizar as classes sociais. Ei-lo:

Com uma aparência inicial policlassista, a pandemia do capital é de fato muito mais funesta ao atingir o corpo da classe trabalhadora e, sucessiva e progressivamente, o corpo-classe das mulheres trabalhadoras brancas, e mais intensamente o corpo-classe das trabalhadoras negras, indígenas, imigrantes, refugiadas, LGBTs etc. Sob a impulsão das necessidades mais elementares que lhe são vedadas, dirigem-se ao trabalho e à aglomeração social, aproximando-se potencialmente da contaminação e da morte. Se deixarmos o capitalismo responder à crise, sua proposta é clara: obrigar a força de trabalho a ir à labuta e assim conhecer os subterrâneos do inferno de Dante (p. 43).

A questão crucial e imediata é a luta pela preservação da vida. Isto, segundo o autor “significa encontrar no presente as condições para estancar a crise pandêmica com o apoio da ciência e, ao mesmo tempo, começar a desenhar um outro sistema de metabolismo verdadeiramente humano-social” (p. 45). Ou seja, é preciso reinventar o trabalho humano e social, concebendo-o como atividade livre, resoluta, fundada no tempo disponível, contrariamente ao trabalho assalariado alienado, que tipifica a sociedade do capital, inclusive esse mais intenso na fase informacional-digital. Parece tarefa impossível de se alcançar, porque “tal proposição fere e confronta diretamente o sistema de metabolismo do capital” (p. 46).

As páginas do livro *coronavírus o trabalho sob fogo cruzado* são carregadas da realidade em que se encontra a classe trabalhadora, principalmente, a parte mais necessitada, trabalhadores que são sujeitados a todo tipo de humilhação, por exemplo, as reduções de salários, a uberização, tais como, os motoristas de aplicativos, entregadores de alimentos [os motoboys, ciclistas etc.]. Neste sentido, para Antunes, desenvolve-se uma nova era, a era informacional das plataformas digitais e dos aplicativos. No decorrer deste processo, a massa mais baixa, sem posses e elementar é exposta e sacrificada, sem as condições mínimas de sobrevivência, vivenciando a esta altura o flagelo. Essas pessoas que mantinham juntos apenas o corpo e a alma, agora, são enterradas aos milhares. Hoje, os números são só estatísticas.

O professor Antunes afirma enfaticamente ao leitor:

Tal vilipêndio se acentua ininterruptamente pela autocracia de Bolsonaro e pela pragmática neoliberal primitiva e antissocial de Guedes. Assim, a confluência entre uma economia destruída, um universo societal destroçado e uma crise política inqualificável converte o Brasil em um forte candidato ao abismo humano, em um verdadeiro cemitério coletivo. Isso porque vivenciamos uma economia em recessão que caminha para uma terrível e profunda depressão. Não é difícil entender que tal tendência ampliará ainda mais o processo de miserabilidade de amplas parcelas da classe trabalhadora que já vivenciavam formas intensas de exploração do trabalho, de precarização, de subemprego e desemprego. Isso porque esses contingentes encontram-se frequentemente desprovidos de fato de direitos sociais do trabalho (p. 27).

No Brasil, a crise intensificada pelo novo *coronavírus* encontrou a classe trabalhadora desorganizada por diversas reformas, que na verdade, foram estratégias de reestruturação capitalistas na busca de ampliação de lucro e que impuseram perversas perdas sociais à classe pauperizada. É diante deste quadro que ficamos sabendo por Antunes que em “parcelas enormes desse contingente, como nos desempregados e

informais, a situação torna-se verdadeiramente desesperadora, com o Brasil se destacando como um dos campeões da tragédia” (p. 8). Por conseguinte, essas reformas constituem o processo de desconstrução do trabalho pela flexibilização e retirada de direitos, conquistas realizadas à custa de muito suor e sangue em séculos de lutas de trabalhadores e trabalhadoras.

Na atmosfera destes dias em que o trabalho se desenvolve sobre restos de destruição e desmonte, a população transforma-se em montes de mendigos, por isso, faz-se necessário mencionar que, para Antunes “o *modus operandi* do capital só pode se desenvolver como destruição, tanto da força humana de trabalho, quanto da natureza e, por consequência, da própria humanidade – o que se evidencia na eclosão das guerras” (p. 34). Nessa longa prova de força do liberalismo, em si e por si soturna e tenebrosa, Antunes afirma em seu *livro* que:

A pandemia é o enfeixamento de um sistema que é letal em relação ao trabalho, a natureza, à “liberdade substantiva” de todos os gêneros, raças, etnias, à plena liberdade sexual, dentre tantas outras dimensões do ser em busca de sua autoemancipação humana e social (p. 34).

Encontramos neste pensador brasileiro um exemplo a ser seguido. Seu olhar profético sobre o flagelo em que se meteu a classe trabalhadora é notável. Assim, este escrito de resenha se torna um espinhoso caminho que possibilita ao leitor enxergar o comportamento moderno das formas de trabalho, e como seus retrocessos são tão colossais quanto suas tarefas. Contra esses enormes equívocos, Ricardo Antunes põe nas mãos dos trabalhadores uma bússola para orientá-los no apogeu dos acontecimentos cotidianos, para dirigirem suas táticas de lutas contra os retrocessos que se tornam corriqueiros durante esse governo.

Disso, Ricardo Antunes conclui que “é importante entender que a noção marxiana⁴, ricamente desenvolvida por Mészáros⁵, repõe uma questão vital, em sua íntima dimensão relacional: o sistema de metabolismo social do capital destrói o trabalho, destrói a natureza e, conseqüentemente, a humanidade” (p. 47). Assim, isso representa um

⁴ Antunes refere-se a obra de Karl Marx.

⁵ Para Antunes, István Mészáros foi o mais importante herdeiro intelectual do filósofo húngaro György Lukács e um dos principais pensadores marxistas. Antunes, reforça ainda que, Mészáros mergulhou corajosamente nos escritos fundamentais de Marx para, de modo criativo e original, recuperar a riqueza, a densidade, a complexidade da temática e para demonstrar *ad nauseam* os inúmeros traços da continuidade na obra marxiana.

atentado evidente contra a classe trabalhadora que precisa trabalhar incansavelmente na sua missão histórica e fortalecer sua organização. A esse respeito, falou Antunes: “é preciso inventar um outro sistema de metabolismo verdadeiramente social e, portanto, contrário aos imperativos expansionistas, incontroláveis e destrutivos do sistema de capital” (p. 47). A ação dos trabalhadores depende do seu grau de reconhecimento enquanto classe social; portanto, é a partir dessa conjectura que a classe trabalhadora adquirirá seu desenvolvimento social. Antunes defende energicamente solapar esse projeto de destruição do trabalho a partir da base, não separando mais instituições sindicais, conselhos e comunidades organizacionais. Escreve Antunes:

Esse novo empreendimento social, para além dos constrangimentos do capital, somente poderá resultar das lutas da classe trabalhadora, dos movimentos sociais das periferias, das comunidades indígenas, do movimento negro, da juventude, da revolução feminista global em curso, articulando as lutas contra a opressão masculina e também contra as múltiplas formas da dominação e de exploração do capital. Recuperando o espírito comunal presente na autenticidade das comunidades indígenas, na vida em busca da felicidade social presente no Quilombo dos Palmares, e assim avançar no desenho de uma nova forma de propriedade social (distinta inclusive da propriedade estatal (p. 48).

Por fim, no capítulo final, o autor demonstra certa convicção de que “a pandemia do capital tornou a invenção de um novo modo de vida o imperativo maior de nosso tempo” (p. 48). O autor se refere aos benefícios causados ao meio ambiente pelo isolamento social [medidas profiláticas], a saber, a redução significativa do nível de poluição ambiental, a paralisação das indústrias não essenciais e, conseqüentemente, a redução do consumo. Contudo, passados dois meses da publicação deste livro, percebemos o quanto essa perspectiva crítica enfrentará resistências. Iniciou-se a flexibilização do isolamento social e voltamos a presenciar os engarrafamentos de trânsito nas grandes cidades, indústrias retomaram suas atividades a todo vapor, o comércio foi reaberto contradizendo em muitos casos as recomendações dos órgãos de segurança e de saúde como a Organização Mundial de Saúde (OMS), dentre outros. Neste ínterim, toda a engrenagem que gere acumulação de capital volta a girar, a classe trabalhadora que cumpria o isolamento social retorna ao labor, e o capitalista continua confortavelmente acomodado em seu ninho.